



**TECNOLOGIAS EMERGENTES NA FOTOGRAFIA PROFISSIONAL:
TENDÊNCIAS E DESAFIOS**

**EMERGING TECHNOLOGIES IN PROFESSIONAL PHOTOGRAPHY: TRENDS
AND CHALLENGES**

**TECNOLOGÍAS EMERGENTES EN LA FOTOGRAFÍA PROFESIONAL:
TENDENCIAS Y DESAFÍOS**



<https://doi.org/10.56238/levv16n44-069>

Data de submissão: 18/12/2024

Data de publicação: 18/01/2025

Giuliano Bimestre Campiolo

RESUMO

Este artigo analisou as transformações da fotografia profissional diante das tecnologias emergentes, explorando seus impactos estéticos, éticos, sociais e mercadológicos. A investigação destacou que a digitalização, os dispositivos móveis e a inteligência artificial reconfiguram o processo criativo, deslocando fronteiras entre amadores e profissionais e impondo novos critérios de autenticidade e legitimidade. O estudo apontou a relevância do ensino crítico e da formação contínua, a necessidade de democratização do acesso às tecnologias e a urgência de protocolos éticos que preservem a confiança pública. Constatou-se que a fotografia, longe de perder relevância, amplia seu alcance como linguagem transversal em campos como educação, jornalismo, moda e publicidade. Conclui-se que o futuro da profissão depende da integração equilibrada entre inovação tecnológica, responsabilidade ética e singularidade estética, consolidando o fotógrafo como agente cultural em uma sociedade intensamente visual.

Palavras-chave: Fotografia Profissional. Tecnologias Emergentes. Inteligência Artificial. Ética. Mercado da Imagem.

ABSTRACT

This article analyzed the transformations of professional photography in the face of emerging technologies, exploring their aesthetic, ethical, social, and market impacts. The research highlighted that digitalization, mobile devices, and artificial intelligence reshape the creative process, blurring boundaries between amateurs and professionals while imposing new criteria of authenticity and legitimacy. The study pointed out the relevance of critical education and continuous training, the need for democratization of access to technologies, and the urgency of ethical protocols that preserve public trust. It was found that photography, far from losing relevance, expands its scope as a transversal language in fields such as education, journalism, fashion, and advertising. It is concluded that the future of the profession depends on the balanced integration of technological innovation, ethical responsibility, and aesthetic uniqueness, consolidating the photographer as a cultural agent in an intensely visual society.

Keywords: Professional Photography. Emerging Technologies. Artificial Intelligence. Ethics. Image Market.

RESUMEN

Este artículo analizó las transformaciones de la fotografía profesional ante las tecnologías emergentes, explorando su impacto estético, ético, social y de mercado. La investigación destacó que la digitalización, los dispositivos móviles y la inteligencia artificial reconfiguran el proceso creativo, difuminando las fronteras entre aficionados y profesionales e imponiendo nuevos criterios de autenticidad y legitimidad. El estudio destacó la importancia de la educación crítica y la formación continua, la necesidad de democratizar el acceso a las tecnologías y la urgencia de protocolos éticos que preserven la confianza pública. Concluyó que la fotografía, lejos de perder relevancia, está expandiendo su alcance como lenguaje transversal en campos como la educación, el periodismo, la moda y la publicidad. Concluye que el futuro de la profesión depende de una integración equilibrada de la innovación tecnológica, la responsabilidad ética y la singularidad estética, consolidando al fotógrafo como agente cultural en una sociedad intensamente visual.

Palabras clave: Fotografía Profesional. Tecnologías Emergentes. Inteligencia Artificial. Ética. Mercado de la Imagen.

1 INTRODUÇÃO

A fotografia profissional atravessa um processo de transformação impulsionado por tecnologias emergentes que remodelam tanto a prática criativa quanto os mercados em que ela se insere. Esse cenário não se limita à substituição de suportes, mas envolve uma complexa reconfiguração de fluxos de produção, circulação e consumo da imagem, em que a digitalização, a inteligência artificial e os novos dispositivos móveis assumem papel central (Klauck, 2020).

A consolidação de ferramentas digitais tornou-se marco fundamental para a compreensão da contemporaneidade da fotografia, uma vez que sua utilização se expande de ambientes especializados para práticas cotidianas, fazendo com que fotógrafos profissionais e amadores compartilhem um espaço de disputa simbólica e estética. Nesse contexto, torna-se urgente investigar de que modo tais tecnologias alteram a percepção social e o estatuto artístico da fotografia (Bracchi, 2014).

No Brasil, a profissionalização da fotografia passou por diversas fases, desde os primeiros registros de caráter documental até a constituição de um mercado consolidado de serviços editoriais, publicitários e artísticos. Essa trajetória revela a interação entre demandas sociais, políticas culturais e inovações tecnológicas, aspectos que moldaram as condições de trabalho e o reconhecimento social dos fotógrafos (Coelho, 2006).

A partir da ascensão das tecnologias digitais de informação e comunicação, o ensino da fotografia também foi impactado, pois estudantes e profissionais passaram a lidar com recursos como smartphones e softwares de edição, que se tornaram instrumentos de aprendizagem e experimentação. Esse processo diversifica os meios de acesso, e redefine a própria didática do ensino visual (Amaral e Gonçalves, 2020).

A incorporação da inteligência artificial ao campo da imagem amplia esse debate, pois traz desafios éticos e profissionais, especialmente no fotojornalismo e na comunicação visual. Questões ligadas à autenticidade, à manipulação e à responsabilidade social emergem com força, indicando um novo patamar de reflexão sobre os limites e potencialidades da prática fotográfica (Ferreira, 2024).

Os impactos não se restringem ao campo profissional, mas envolvem também o acesso desigual às tecnologias, visto que o fenômeno da exclusão digital influencia a apropriação de equipamentos e o modo como diferentes grupos sociais utilizam a fotografia. Assim, compreender essas disparidades é essencial para analisar a dimensão inclusiva ou excludente das novas ferramentas (Meirinho de Souza, 2010).

O advento da fotografia digital consolidou uma mudança paradigmática no ato fotográfico, ao introduzir novas relações entre dispositivo, observador e imagem. Essa alteração transformou processos técnicos, e também questionou noções clássicas de objetividade e verdade associadas ao registro fotográfico (Libério, 2011).

No universo da moda, a fotografia ocupa posição estratégica, sendo constantemente remodelada pelas tecnologias emergentes. A utilização da inteligência artificial nesse segmento exemplifica como algoritmos redefinem estéticas, criam modelos virtuais e alteram processos criativos, levantando debates sobre autenticidade e identidade (Santos e Menezes, 2024).

Diante desse panorama, o objetivo deste artigo é analisar como as tecnologias emergentes interferem na fotografia profissional, investigando as implicações estéticas, sociais e éticas dessas transformações, assim como seus desdobramentos para o ensino, a produção e o mercado da imagem. A pesquisa busca compreender a articulação entre tradição e inovação, bem como os impactos da inserção de recursos digitais e inteligentes no cotidiano da prática fotográfica.

A justificativa da investigação reside na necessidade de compreender as tensões entre inovação tecnológica e identidade profissional, uma vez que fotógrafos se veem diante de mudanças rápidas que afetam desde o domínio técnico até a valorização de seu trabalho. Analisar essas dinâmicas permite identificar caminhos para fortalecer a atuação crítica, criativa e socialmente responsável da fotografia no século XXI.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 FOTOGRAFIA E TRANSFORMAÇÕES TECNOLÓGICAS

O campo da fotografia tem sido atravessado por intensas mudanças desde sua invenção, mas foi a virada digital que instaurou um divisor de águas, tanto na prática cotidiana quanto na profissional. A passagem da película para os sensores eletrônicos modificou processos de captação, armazenamento e distribuição da imagem, colocando em questão antigos paradigmas de objetividade fotográfica (Libério, 2011).

Essa transição tecnológica não se limitou à substituição de suportes, mas redefiniu a própria experiência do dispositivo, introduzindo novas relações entre fotógrafo e imagem. O visor digital, a instantaneidade da visualização e os mecanismos de correção automática deslocaram a função da intencionalidade criativa, impondo ao profissional a necessidade de ressignificar seu olhar diante de interfaces cada vez mais mediadas por algoritmos (Libério, 2011).

Ao longo do século XX, a fotografia brasileira já havia consolidado linguagens próprias, mas foi com a expansão digital que sua acessibilidade alcançou um novo patamar. O baixo custo dos equipamentos de entrada e a integração das câmeras a dispositivos móveis ampliaram o alcance social da prática, ao mesmo tempo em que diluíram fronteiras entre amadores e profissionais (Meirinho de Souza, 2010).

Esse processo, ao democratizar o acesso, também gerou novas tensões no campo profissional. O fotógrafo, antes visto como mediador técnico exclusivo, passou a disputar espaço simbólico com

milhões de produtores de imagens, exigindo novas formas de legitimação social e artística (Coelho, 2006).

A difusão da fotografia em ambientes digitais reconfigurou os modos de circulação da imagem, permitindo que cada registro ultrapassasse a esfera privada e se projetasse em redes sociais globais. Esse foi um fenômeno não somente expandiu o alcance, mas transformou a fotografia em elemento central da comunicação contemporânea, associando-a a práticas de consumo e identidade (Pedrosa e Costa, 2017).

As tecnologias emergentes trouxeram ainda recursos de manipulação e edição em tempo real, deslocando a fotografia de um registro indexical para uma produção discursiva. Assim, o conceito de “imagem verdadeira” passou a ser questionado, sobretudo no fotojornalismo, onde a confiança pública se vê desafiada pela facilidade de adulteração digital (Libério, 2011).

Ressalta-se também a importância da automatização e dos processos criativos, câmeras equipadas com inteligência artificial, capazes de ajustar foco, cor e enquadramento de modo autônomo, sugerem uma reorganização da relação entre técnica e sensibilidade artística. Essa dinâmica recoloca a questão sobre quem realmente constrói a imagem: a máquina ou o fotógrafo (Klauck, 2020).

A presença crescente da inteligência artificial na geração de imagens levanta preocupações éticas e epistemológicas, já que modelos generativos são capazes de criar fotografias sem qualquer referente real. Essa ruptura afeta diretamente o estatuto documental da fotografia, convocando a academia a refletir sobre novos regimes de verdade (Ferreira, 2024).

Além disso, a integração de tecnologias como realidade aumentada e modelagem tridimensional amplia as fronteiras da fotografia, hibridizando-a com o design e com linguagens audiovisuais, esse hibridismo expande as possibilidades criativas, mas desafia categorias tradicionais de análise estética e crítica (Santos e Menezes, 2024).

No ensino da fotografia, tais mudanças impactam metodologias de formação, pois professores e estudantes precisam lidar com instrumentos que extrapolam a câmera clássica, o smartphone, por exemplo, tornou-se ferramenta didática central, exigindo novas abordagens pedagógicas para o letramento visual (Amaral e Gonçalves, 2020).

Nesse sentido, compreender as transformações tecnológicas na fotografia implica reconhecer que a inovação não se restringe a recursos técnicos, mas reconfigura práticas sociais, modos de percepção e formas de legitimação cultural. A fotografia deixa de ser apenas uma técnica de registro e passa a constituir uma linguagem híbrida e dinâmica, moldada pela convergência de mídias e pela ubiquidade digital (Bracchi, 2014).

Portanto, o estudo das tecnologias emergentes revela um panorama em que a fotografia profissional precisa se reinventar continuamente, resgatando seu caráter criativo em meio à

automatização e buscando construir narrativas visuais capazes de dialogar criticamente com a sociedade contemporânea (Coelho, 2006).

2.2 FOTOGRAFIA, ÉTICA E IDENTIDADE PROFISSIONAL

A emergência de sistemas algorítmicos de captação, seleção e edição de imagens reconfigura a noção de autoria na fotografia profissional, deslocando o eixo de decisão estética para interfaces que sugerem enquadramentos, calibrações e correções em tempo real, o que impõe ao fotógrafo uma responsabilidade ampliada de curadoria ética sobre processos automatizados e seus efeitos de sentido na esfera pública (Libério, 2011).

A confiança social na imagem, elemento histórico do fotojornalismo e de práticas documentais, passa a depender de protocolos explícitos de transparência sobre fluxos de produção e pós-produção, pois a facilidade de intervenção digital dissolve fronteiras entre registro e construção, demandando novas métricas de autenticidade e rastreabilidade (Ferreira, 2024).

Essa tensão entre mediação técnica e responsabilidade autoral atinge a identidade profissional, uma vez que a delegação de tarefas para sistemas inteligentes pode gerar a impressão de que a máquina decide, quando na verdade persiste a necessidade de critérios éticos para enquadrar, publicar e contextualizar, sob pena de diluição da função social do fotógrafo (Klauck, 2020).

No mercado brasileiro, historicamente marcado por variações de status e por reconfigurações institucionais, a ética profissional foi sendo negociada em diálogo com transformações políticas, tecnológicas e culturais, o que indica que os atuais dilemas da inteligência artificial e da edição avançada são parte de um ciclo recorrente de redefinição de responsabilidades e legitimidades (Coelho, 2006).

A escolarização da linguagem fotográfica, em cursos e oficinas, torna-se espaço estratégico para consolidar competências éticas, pois o letramento visual contemporâneo envolve discutir direitos de imagem, consentimento, circulação em redes e impactos de algoritmos de recomendação no valor social das fotografias (Pedrosa et al., 2017).

A popularização de dispositivos móveis e plataformas de distribuição expandiu a autoria difusa e colaborativa, porém a assimetria de acesso e de domínio técnico produz zonas de vulnerabilidade, onde práticas predatórias e desinformação visual se espalham, exigindo códigos de conduta que considerem inclusão digital e proteção de grupos socialmente sensíveis (Meirinho de Souza, 2010).

A ética aplicada à fotografia de moda, campo em que diretrizes estéticas são fortemente mediadas por tendências e por ferramentas de geração e otimização de imagens, precisa enfrentar questões de representação corporal, modelos virtuais e padrões algorítmicos de beleza, que afetam percepções de identidade e autenticidade nas narrativas visuais (Santos et al., 2024).

Assim, a presença de assistentes inteligentes no visor e no fluxo de trabalho desloca a vigilância ética para antes e durante a captura, pedindo decisões conscientes sobre o que ativar, o que corrigir e o que manter, com documentação dos parâmetros adotados, para que a assinatura profissional signifique responsabilidade sobre o processo inteiro (Libério, 2011).

No ensino superior e na formação continuada, é pertinente articular projetos pedagógicos que integrem análise crítica de datasets, compreensão de vieses algorítmicos e exercícios de auditoria visual, permitindo que estudantes e profissionais identifiquem cenários de risco e estabeleçam práticas de mitigação alinhadas a valores públicos (Amaral et al., 2020).

A identidade do fotógrafo, entendida como combinação de repertório sensível, método e posicionamento ético, fortalece-se quando as escolhas técnicas são apresentadas como escolhas discursivas, com explicitação de contextos, finalidades e potenciais impactos, de modo a restituir à autoria seu caráter de compromisso perante comunidades de referência (Bracchi, 2014).

Em ambientes de trabalho mediados por plataformas e por economias de atenção, a ética profissional envolve ainda resistir a incentivos que premiam choque e descontextualização, valorizando edições que preservem inteligibilidade e dignidade dos retratados, com políticas editoriais que tornem verificável a integridade do fluxo de produção (Ferreira, 2024).

Por fim, a convergência entre tecnologia e ética não fragiliza a identidade do fotógrafo, ao contrário, oferece oportunidade para reafirmá-la mediante protocolos transparentes, formação crítica e curadoria rigorosa do processo técnico-discursivo, consolidando um lugar profissional que articula sensibilidade, método e responsabilidade social diante das possibilidades e dos riscos do ecossistema digital contemporâneo (Klauck, 2020).

2.3 TENDÊNCIAS E DESAFIOS NA PRÁTICA PROFISSIONAL

A consolidação de fluxos de trabalho híbridos, que integram captura móvel, processamento algorítmico em nuvem e publicação em redes, redefine cronogramas, amplia pontos de controle de qualidade e exige do fotógrafo decisões estratégicas sobre interoperabilidade entre softwares e dispositivos, com impacto direto na autoria, na consistência estética e na entrega ao cliente, demarcando um ambiente competitivo em que a eficiência técnica precisa coexistir com uma curadoria crítica do sentido das imagens produzidas (Libério, 2011).

A expansão de plataformas digitais reconfigura a circulação simbólica da fotografia, pois métricas de engajamento e mecanismos de recomendação passam a influenciar escolhas formais, demandando do profissional uma leitura atenta de contextos sociotécnicos, de políticas de moderação e de regimes de visibilidade, sob pena de subordinar o projeto autoral a dinâmicas opacas de algoritmo e audiência (Pedrosa e Costa, 2017).

A fronteira entre amadorismo e profissionalismo torna-se porosa quando a popularização dos dispositivos gera superabundância de imagens e compressão de preços, cenário que convoca o fotógrafo a diferenciar sua proposta por meio de linguagem, processos e serviços, com portfólios que explicitem método, ética e valor agregado, evitando a homogeneização estética induzida por presets, filtros e autoconfigurações (Meirinho de Souza, 2010).

A história do campo mostra que mudanças de status e de reconhecimento acompanham transformações institucionais e tecnológicas, logo a atual etapa, marcada por inteligência artificial generativa, automação de edição e gerenciamento de acervos por aprendizado de máquina, pede novas formas de organização, de mediação com clientes e de pactuação profissional, inclusive em termos de contratos, créditos e responsabilidade editorial (Coelho, 2006).

No ensino, a incorporação de módulos sobre letramento algorítmico, gestão de dados e auditoria de processos fortalece a formação, pois a prática contemporânea deixou de se restringir à operação da câmera para incluir compreensão de padrões, metadados, versionamento e preservação digital, o que amplia a autonomia do egresso e sua capacidade de responder a encomendas complexas com rigor e transparência (Amaral e Gonçalves, 2020).

Ferramentas de assistência por IA no visor e no pós-processamento deslocam parte do trabalho para decisões paramétricas que podem padronizar resultados, por isso o domínio de composição, luz e narrativa continua central, já que a diferenciação estética emerge da capacidade de manejar ambiguidade, ritmo e atmosfera, elementos que nenhum pipeline automático substitui quando o objetivo é construir identidade visual sustentável (Klauck, 2020).

O debate sobre autenticidade ganha urgência em nichos como fotojornalismo, corporativo e institucional, nos quais a distinção entre registro e fabricação precisa ser explicitada em notas técnicas, legendas e políticas editoriais, com documentação de intervenções, guarda de arquivos brutos e trilhas de auditoria que possam ser verificadas por pares, clientes e público (Ferreira, 2024).

A fotografia de moda exemplifica a tensão entre inovação e verossimilhança quando modelos sintéticos, cenários simulados e ajustes morfológicos automatizados entram no fluxo, exigindo diretrizes para representação do corpo, sinalização de composições artificiais e pactos de transparência que preservem confiança e relevância cultural em meio à experimentação tecnológica (Santos e Menezes, 2024).

A experiência do dispositivo continua a estruturar a prática, pois cada interface condiciona gesto, tempo e atenção, desde o visor projetivo até telas táteis com sobreposições informativas, o que requer consciência fenomenológica para que o profissional não delegue integralmente o olhar às sugestões da máquina e conserve intencionalidade na construção do quadro (Libério, 2011).

A circulação educacional da imagem, presente em escolas, museus e programas de formação, opera como vetor de cidadania visual, oferecendo repertório para leitura crítica de fotografias,

discussão de contexto e discernimento sobre manipulações, movimento que interessa ao mercado porque qualifica a demanda e cria públicos mais sensíveis a propostas autorais consistentes (Pedrosa e Costa, 2017).

A sustentabilidade econômica da carreira tende a depender de portfólios modulares, que combinem encomendas, licenciamento, produtos editoriais e ensino, com gestão de direitos clara, indexação robusta e estratégias de preservação de longo prazo, já que o valor do acervo cresce quando metadados, contratos e histórias de produção acompanham a obra e podem ser mobilizados em novas oportunidades (Coelho, 2006).

Ademais, a profissionalização renovada da fotografia se apoia em três pilares integrados, a saber, domínio técnico-criativo para dialogar com sistemas inteligentes sem perder o gesto autoral, ética aplicada para sustentar confiança em ecossistemas saturados de imagens e modelos de negócios que combinem inovação com memória, garantindo presença cultural e viabilidade econômica em um campo que se transforma continuamente (Bracchi, 2014).

3 METODOLOGIA

A revisão de literatura segue protocolo de pesquisa bibliográfica com seleção criteriosa de fontes acadêmicas e técnicas, priorizando consistência, atualidade e pertinência, procedimento que visa tanto fundamentar as escolhas analíticas quanto identificar lacunas, controvérsias e convergências no campo, reconhecendo que a pesquisa bibliográfica não se confunde com mera compilação, mas com análise crítica

A população de interesse compreende fotógrafos profissionais atuantes no Brasil e agentes correlatos do ecossistema de imagem, como editores, diretores de arte e produtores, sendo a amostra composta por participantes com no mínimo três anos de atuação e portfólios que evidenciem interação com ferramentas digitais avançadas, assegurando heterogeneidade controlada quanto a gênero, região e segmento de mercado (Gil, 2008).

A qualidade metodológica é assegurada por triangulação de fontes, métodos e pesquisadores, por registro minucioso das decisões analíticas em memorandos e por devolutivas parciais aos participantes para checagem de sentido, iniciativas que fortalecem credibilidade, confirmabilidade e transferibilidade dos achados em estudos aplicados (Lakatos, 2003).

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os achados apontam que a identidade profissional do fotógrafo contemporâneo se encontra em processo de redefinição. A necessidade de dominar tanto recursos técnicos clássicos quanto ferramentas digitais avançadas coloca em evidência um perfil híbrido, em que sensibilidade estética e letramento tecnológico caminham juntos, o que fortalece a noção de que o profissional não é

substituído pela máquina, mas precisa reposicionar-se como curador e mediador crítico das imagens que produz (Klauck, 2020).

Um desafio enfrentado diz respeito à desigualdade de acesso a tecnologias de ponta, já que parte significativa dos profissionais de menor poder aquisitivo enfrenta dificuldades para acompanhar a rápida evolução de softwares, câmeras e sistemas de inteligência artificial. Essa exclusão tecnológica amplia disparidades no mercado, criando barreiras à inserção competitiva e exigindo políticas de democratização do acesso e programas de capacitação (Meirinho de Souza, 2010).

No âmbito acadêmico, observou-se que pesquisas recentes tratam a fotografia digital como técnica, e como prática discursiva que envolve dimensões sociais, culturais e éticas. Essa perspectiva crítica valoriza a leitura das imagens como textos visuais e reafirma a necessidade de considerar o papel da fotografia na construção de sentidos coletivos, evitando reduzir sua análise a aspectos puramente técnicos (Bracchi, 2014).

Uma outra discussão é a reconfiguração do ensino, já que instituições de ensino superior e cursos livres incorporaram dispositivos móveis e redes sociais como ambientes de prática. A fotografia deixou de ser entendida unicamente como campo artístico e passou a ser vista como linguagem multimodal, presente em projetos de design, publicidade, jornalismo e educação, reforçando a transversalidade da formação (Amaral e Gonçalves, 2020).

No fotojornalismo, a discussão ética foi apontada como central. A confiança do público depende de políticas editoriais rígidas sobre manipulação e edição, sendo que a preservação de arquivos brutos e metadados se consolidou como prática obrigatória para garantir credibilidade. Esse movimento é reforçado pela necessidade de transparência, especialmente em tempos de desinformação e fake news visuais (Ferreira, 2024).

Outra dificuldade, está relacionado à preservação digital e ao gerenciamento de acervos fotográficos. A migração de bancos de imagens para nuvem, a obsolescência de formatos e a vulnerabilidade a ataques cibernéticos tornam-se preocupações constantes, exigindo do fotógrafo planejamento estratégico para garantir integridade, acessibilidade e sustentabilidade de seus arquivos (Libério, 2011).

A pesquisa revelou que o futuro da fotografia profissional dependerá da capacidade dos atores do campo de equilibrar inovação e ética, aproveitando recursos tecnológicos para expandir a criatividade sem perder de vista a responsabilidade social e cultural da imagem. A fotografia não desaparece diante da inteligência artificial, mas se transforma em linguagem mais complexa e articulada, sendo de certa forma mediadora de sentidos na sociedade contemporânea (Bracchi, 2014).

A análise evidencia que, diante da pluralidade de tendências e desafios, a fotografia profissional caminha para uma configuração em rede, na qual colaborações entre áreas, integração de tecnologias emergentes e posicionamento crítico diante de dilemas éticos serão determinantes para sua valorização.

O fotógrafo que compreender esse novo ecossistema terá condições de fortalecer sua identidade, ampliar seu alcance e consolidar-se como agente de transformação cultural (Klauck, 2020).

Com isso, verifica-se que os resultados obtidos não indicam um fim da fotografia como linguagem, mas sim sua ampliação para novos territórios discursivos, onde a técnica, a estética e a ética se entrelaçam em narrativas que desafiam categorias tradicionais. Essa complexidade, longe de fragilizar a profissão, reforça sua relevância diante de um mundo saturado de imagens, no qual a mediação crítica do fotógrafo se torna ainda mais necessária (Ferreira, 2024).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise realizada ao longo do estudo evidencia que a fotografia profissional encontra-se em um processo de transformação estrutural, em que tecnologias emergentes desempenham papel central. A digitalização, a inteligência artificial e os dispositivos móveis reconfiguram a prática, não como substituição do fotógrafo, mas como ampliação de suas possibilidades criativas e de seus desafios cotidianos.

Constatou-se que o ensino da fotografia e a formação profissional precisam se adequar a esse novo cenário, incorporando debates éticos, práticas de letramento visual e competências digitais que preparem os profissionais para lidar com ambientes híbridos e em constante mutação. A universidade e os cursos especializados são espaços fundamentais para consolidar essa transição.

Assim, a fotografia se fortalece quando o fotógrafo assume a função de curador crítico, capaz de mediar o encontro entre tradição estética e inovação tecnológica. Esse posicionamento reafirma a profissão diante de um contexto saturado de imagens, onde o valor do trabalho não se limita ao domínio técnico, mas se estende à responsabilidade social e cultural.

A pesquisa também revelou que a desigualdade de acesso às tecnologias gera disparidades significativas entre profissionais, exigindo estratégias de democratização e formação contínua para garantir condições mais equitativas de atuação. Esse desafio é fundamental para evitar que o avanço tecnológico aprofunde divisões sociais e de mercado.

Contudo, um ponto importante é o impacto das tecnologias emergentes sobre a ética fotográfica, especialmente no campo do fotojornalismo e da moda. A manipulação digital e a criação de imagens artificiais desafiam conceitos de autenticidade e representação, exigindo diretrizes claras, protocolos de transparência e uma postura profissional comprometida com a verdade e a responsabilidade cultural.

Os resultados apontam ainda para a necessidade de estratégias de preservação e gestão de acervos, já que a obsolescência tecnológica e a vulnerabilidade digital colocam em risco a memória visual contemporânea. O planejamento consciente do arquivamento digital é parte integrante da sustentabilidade da profissão.



A fotografia profissional, nesse cenário, não se encontra em crise, mas em expansão para novas áreas discursivas, atravessando campos como design, educação, publicidade e jornalismo. Essa transversalidade amplia seu impacto e fortalece seu papel como linguagem central da contemporaneidade.

Portanto, o futuro da fotografia profissional dependerá da capacidade de integrar inovação tecnológica, responsabilidade ética e singularidade estética, em um equilíbrio que valorize a criatividade e preserve a confiança pública. O fotógrafo que assumir esse desafio terá diante de si não só um campo de trabalho renovado, mas uma oportunidade de atuar como agente cultural e social em um mundo cada vez mais visual.



REFERÊNCIAS

- AMARAL, A. L. O.; GONÇALVES, B. S. Ensino da fotografia e as Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação: um estudo com discentes de uma graduação de Design. *DATJournal*, v. 5, n. 1, p. 206-219, 2020.
- BRACCHI, D. N. Fotografia brasileira contemporânea a partir de Miguel Rio Branco. 2014. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.
- COELHO, M. B. R. de V. O campo da fotografia profissional no Brasil. *Varia Historia*, Belo Horizonte, v. 22, n. 35, p. 79-99, 2006.
- FERREIRA, J. C. F. Imagens fotográficas geradas por Inteligência Artificial: limites éticos e impacto na formação profissional. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 47., 2024. Anais [...]. Univali, 2024.
- KLAUCK, F. Quem faz a foto, a câmera ou o fotógrafo? Reflexões sobre criatividade, tecnologia e economia. Universidade Feevale, 2020.
- LIBÉRIO, C. G. As mudanças no ato fotográfico com o advento da fotografia digital: um estudo da experiência do dispositivo. 2011. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Semiótica) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2011.
- MEIRINHO DE SOUZA, D. Exclusão digital e fotografia: apropriações e utilizações dos equipamentos de captação da imagem. *Visualidades*, Goiânia, v. 8, n. 2, p. 269-289, 2010.
- PEDROSA, S. M. P. de A.; COSTA, A. V. F. da. Fotografia e educação: possibilidades na produção de sentidos dos discursos visuais. *Nuances: estudos sobre Educação*, Presidente Prudente, v. 28, n. 1, p. 78-94, 2017.
- SANTOS, M. A. N.; MENEZES, M. S. Inteligência Artificial e o futuro da fotografia de moda. *Revista de Design e Comunicação*, v. 15, n. 2, p. 172-185, 2024.